

INSTITUIÇÕES E DEMOCRACIA – UMA CONVERSA COM GIOVAN FRANCESCO LANZARA¹

■ **RESUMO:** Nessa entrevista realizada por Márcia Teixeira de Souza em 2015, Giovan Francesco Lanzara discute a complexidade que envolve a construção das Instituições, tema amplamente abordado em sua trajetória. O autor reflete sobre os impasses e as possíveis soluções dos processos institucionais relacionados com a democracia e o surgimento de lideranças políticas sem vínculos partidários na atual conjuntura. Por fim, pondera sobre a complexa situação política italiana frente às mudanças promovidas por Matteo Renzi.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Sistema Político. Instituições. Democracia.

Marcia Teixeira de Souza²: *Em seu texto, o senhor faz referências a um conjunto de autores que problematizam a sempre difícil construção de instituições. Mas, ao mesmo tempo, não se recusa à formulação de novos impasses teóricos e práticos que emergem, paradoxalmente, da consecução mesma das intenções dos atores, isto é, da construção de uma ordem pública. Se o tempo constitui uma variável crucial para o sucesso deste processo, de modo alternativo ele pode trazer, igualmente, implicações perturbadoras ao dificultar que a variabilidade se imponha sobre a ordem. É possível garantir um equilíbrio entre estas duas dimensões?*

Giovan Francesco Lanzara: De fato, o dilema entre a variabilidade e a manutenção da ordem, ou entre adaptabilidade e robustez, caracteriza todos os processos de construção de instituições. Por um lado, são necessárias uma certa ordem social e alguma previsibilidade para que uma sociedade funcione, ou seja, são necessárias regras confiáveis; por outro também se quer, ao

¹ Esta entrevista foi realizada por e-mail no segundo semestre de 2015.

² Márcia Teixeira de Souza – Professora na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Departamento de Antropologia, Política e Filosofia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901.teixeira@fclar.unesp.br.

mesmo tempo, adaptabilidade de regras para que se possa dar conta das mudanças sociais, bem como da variabilidade ambiental (por exemplo, contingências não esperadas, surpresas, inovações etc.). Tanto a ordem quanto a variabilidade são ingredientes críticos para a durabilidade dos sistemas sociais. Muita ordem ou muita variabilidade poderão levar sociedades, por diferentes razões, a situações de ruptura. A evidência de que muitas sociedades persistem e prosperam demonstra que, de fato, é possível atingir um equilíbrio saudável entre as duas dimensões. Entretanto, há tipos de sociedades onde este equilíbrio não é obtido nunca ou é atingido com grandes dificuldades. O que me interessa são as muitas configurações que tal equilíbrio pode desenvolver, e os muitos caminhos que conduzem ao desequilíbrio. Por exemplo, países europeus e latino-americanos possuem diferentes caminhos para alcançar ou perder tal equilíbrio, mas lembrem-se: o equilíbrio é sempre dinâmico! Trata-se mais de um processo de mudança constante do que de um estado fixo.

Marcia Teixeira de Souza: *Não seriam os processos endógenos de aprendizado aqueles que possibilitam uma maior capacidade de percepção dos problemas e de suas possíveis saídas, em termos de soluções viáveis, na medida em que uma espécie de amálgama poderia reunir tanto a atividade de exploração (exploration) como a de utilização (exploitation)?*

Giovan Francesco Lanzara: Os processos endógenos de aprendizado podem estabilizar um equilíbrio específico ou uma dinâmica específica de mudança, mas este pode não ser o único resultado. O aprendizado também pode levar a divergências e soluções ineficazes. Pode-se igualmente aprender a fazer coisas erradas... Por exemplo, pode-se aprender a ser cada vez melhor no processo de *exploitation*, ou, de modo alternativo, no processo de *exploration*, mas ambos podem apresentar resultados não esperados. Acredito que muita endogeneidade não é sempre algo desejável, porque pode gerar sistemas excessivamente auto referenciados, incapazes de aprender com choques e eventos externos.

Marcia Teixeira de Souza: *Nas situações típicas do dilema da ação coletiva, o senhor tenderia a considerar que este impasse tem gerado situações em que o reforço das instituições, ou mesmo do comportamento institucional, tem sido ocupado por processos que abrem caminho para a emergência de líderes populistas. Um personagem que evoca para si próprio a legitimidade e a responsabilidade pelos processos decisórios. Como referência temos o processo de presidencialização que o gabinete britânico vem adotando, ao fazer uso de alguns procedimentos típicos deste regime de governo (refiro-me às decisões coletivas, que eram antes objeto de deliberação e vêm sendo suplantadas pela decisão tomada pelo Primeiro Ministro). A liderança é fundamental para um mundo desencantado? Ou o contrário, a necessidade de se reafirmar uma democracia forte?*

Giovan Francesco Lanzara: *Essa situação é também denominada como “personalização da política”. Eu não vejo, necessariamente, uma oposição entre democracia e liderança forte, desde que o exercício da liderança seja regulado por regras claras referentes à forma pela qual ela pode ser exercida. Sabe-se que a liderança pode prover um valor simbólico, ela não é apenas expressão de um poder político de dominação. Um problema para a democracia emerge quando a liderança política não está controlada por outros poderes ou regras. Uma liderança pode ser algo desejável no interior de uma estrutura institucional confiável e plural, caso contrário ela pode conduzir a uma situação de autoritarismo ou levar a consequências piores.*

Marcia Teixeira de Souza: *Outro caso de inovação institucional que vem chamando a atenção refere-se ao amplo e intenso programa de reconstrução institucional que o primeiro ministro italiano Matteo Renzi vem realizando. O senhor menciona, em seu ensaio, que a personalização da política e a presença mesma do líder (e da sua relação com as massas) podem ter algo de problemático. O que de certo modo reitera a dimensão verticalizada do exercício da política, crítica com a qual eu pessoalmente concordo. No entanto, em situações de escassa confiabilidade entre os atores políticos, esse caminho pode apresentar alguma alternativa diante de uma situação dominada pela paralisia decisória e pela dificuldade de produção de consensos ampliados. Utilizando a rede conceitual mobilizada em seu ensaio, que permite ao leitor realizar uma*

análise crítica de processos empíricos nas suas manifestações contemporâneas, como o senhor avalia a tentativa de reconstrução institucional que vem ocorrendo na Itália?

Giovan Francesco Lanzara: Uma resposta satisfatória exigiria uma extensa análise da complexa situação política atual, que está mudando dia após dia. Renzi tem o consenso dos eleitores para desencadear reformas políticas e econômicas, algo que ao longo de inúmeros governos anteriores foi proposto, mas nunca efetivamente desencadeado. Existe hoje uma janela de oportunidades para que as mudanças ocorram. A questão principal é saber se o primeiro ministro poderá realizar as promessas enunciadas a cada dia. Talvez ele esteja superestimando as suas capacidades e subestimando as dificuldades. Como você sabe, os sistemas políticos não mudam da noite para o dia e reformas institucionais requerem objetivos de longo prazo e muita paciência. Além disso, o sistema político italiano é caracterizado por uma burocracia corporativa poderosa que resiste à mudança e à inovação. Interesses e comportamentos sociais entranhados são difíceis de mudar. São a mentalidade e a cultura política do povo que devem mudar se se quiser desencadear um processo efetivo de inovação institucional, portanto ninguém sabe aonde esses eventos atuais vão nos levar. Como eu digo no meu artigo, um resultado não desejado poderia ser um reestabelecimento da ordem anterior como reação a uma forte incerteza; definitivamente Renzi tem um duro trabalho a sua frente.

LANZARA, G. F. Institutions and politics – a talk with Giovan Francesco Lanzara [jul./dez. 2015]. Interviewer: Marcia Teixeira de Souza. *Perspectivas*, São Paulo, v. 47, p. 63-66, jan./jun. 2016.

■ **Abstract:** *In this interview conducted by Marcia Teixeira de Souza in 2015, Giovan Francesco Lanzara discusses a complexity that involves the construction of institutions, a topic widely debated in his trajectory. The author reflects on the impasses and how to solve institutional processes related to a democracy and the emergence of political leaders without party connections in the current conjuncture. Finally, he ponders about the complex Italian political situation in the face of the changes promoted by Matteo Renzi.*

■ **Keywords:** *Political System. Institutions. Democracy.*